

Dicionários e colonialidades: racismo, linguagem e resistência a partir de marcas de uso em língua espanhola

Diccionarios y colonialidades: racismo, lenguaje y resistencia a través de las etiquetas de uso en español

João Paulo Santos Andrade  

jpandradde@academico.ufs.br

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Doris Cristina Vicente da Silva Matos  

doris@academico.ufs.br

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Roana Rodrigues  

roana@academico.ufs.br

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Resumo

Neste artigo, abordamos como os dicionários podem ser ferramentas potencialmente coloniais com as populações negras. O trabalho se baseia na dissertação de Andrade (2024) e analisa como as marcas de uso de três dicionários de língua espanhola podem colaborar ou não com as engrenagens das colonialidades, especificamente a colonialidade da linguagem (Veronelli, 2015). Além disso, discutimos como o uso adequado das marcas de uso nessas obras lexicográficas pode ressignificar o caráter colonial e até mesmo apresentar características potencialmente decoloniais. Sabendo que o dicionário é uma obra na qual estão definidas as experiências das sociedades (Lara, 1990), analisamos como marcas de uso são empregadas em três palavras relacionadas à população negra (gato, negrear e negreiro). Tais marcas indicam o emprego dos lexemas levando em conta a intencionalidade, logo são ferramentas fundamentais para o consulente saber se determinada palavra pode ou não ser ofensiva (Vilarinho, 2017). Para a discussão sobre o contexto afro-mexicano, realizamos reflexões a partir dos trabalhos de Quijano (2005) e Cruzmerino (2016), evidenciando a exclusão da população negra mexicana. Nos resultados, identificamos que as marcas de uso quando utilizadas inadequadamente colaboram com a perpetuação de colonialidades, ou seja, os dicionários perpetuam colonialidades, se não estão devidamente sinalizados.

Palavras-chave

Colonialidades. Dicionários. Marcas de Uso.

Resumen


En este trabajo se presenta cómo los diccionarios pueden ser herramientas potencialmente coloniales hacia las poblaciones negras. El trabajo se basa en la tesis de maestría de Andrade (2024) y analiza

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 03/08/2024

Aprovação do trabalho: 22/11/2024

Publicação do trabalho: 20/03/2025

 10.46230/lef.v16i4.15215

COMO CITAR

ANDRADE, João Paulo Santos *et al.* Dicionários e colonialidades: racismo, linguagem e resistência a partir de marcas de uso em língua espanhola. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.4, 2024. p. 163-187. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15215>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

cómo las marcas de uso de tres diccionarios de lengua española pueden o no colaborar con los engranajes de las colonialidades, específicamente la colonialidad del lenguaje (Veronelli, 2015). Además, se discute cómo el uso adecuado de las marcas de uso en esas obras lexicográficas puede resignificar el carácter colonial e, incluso, presentar características decoloniales. El diccionario es una obra en la que están definidas las experiencias de la sociedad (Lara, 1990), por eso es el objeto de análisis, con la intención de verificar cómo las marcas de uso se emplean en tres palabras que se relacionan con la población negra (gato, negrear y negrero). Tales marcas indican el uso de los lexemas considerando la intencionalidad, luego, son herramientas fundamentales para que el consultante sepa si la palabra es o no es ofensiva (Vilarinho, 2017). Para discutir sobre el contexto afroamericano, se utilizan reflexiones a partir de los trabajos de Quijano (2005) e Cruzmerino (2016), los cuales evidencian la exclusión de la población negra mexicana. Como resultados, se identifica que las marcas de uso cuando utilizadas inadecuadamente colaboran con la perpetuación de las colonialidades, es decir, los diccionarios perpetúan las colonialidades, si no están debidamente señalados.

Keywords

Colonialidades. Diccionarios. Marcas de Uso.

Considerações iniciais

O capitalismo, tal qual conhecemos, tem suas raízes fincadas na exploração de grupos minorizados ao redor do mundo. As múltiplas colonialidades estão presentes em diversas esferas de nossa sociedade, marcadas pelas relações humanas, pelos saberes, pelos modos de vida, visíveis na política, na publicidade, no cinema, na abordagem policial, em uma entrevista de emprego, entre outros muitos contextos.

Os dicionários, obras lexicográficas que abarcam e descrevem o léxico de uma determinada comunidade linguística, são marcados pela manutenção das colonialidades. No entanto, existem ferramentas, intrínsecas a esse objeto lexicográfico, que permitem resignificar o caráter colonial dessas obras – e até mesmo, com a utilização das *marcas de uso*, por exemplo, apresentar características potencialmente decoloniais.

O objetivo deste artigo, que apresenta resultados e desdobramentos do trabalho de Andrade (2024)¹, é sinalizar como as marcas de uso de três dicionários de língua espanhola podem manter as engrenagens das colonialidades, com foco na colonialidade da linguagem que, segundo Veronelli (2015),

é o termo que estou propondo para nomear um processo que acompanha a colonialidade do poder. É um aspecto do processo de desumanização das populações colonizadas-colonializadas através da racialização. O problema colocado pela colonialidade da língua é o problema da relação raça/língua. Dado que a racialização é inseparável da apropriação e redução eu-

1 Dissertação de Mestrado intitulada “Colonialidade nos dicionários: quando as marcas de uso não sinalizam as marcas da colonização” (Andrade, 2024), defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS).

rocêntricas do universo das populações colonizadas, a relação raça/língua é praticada no âmbito de uma filosofia, ideologia e política eurocêntricas que inclui uma política linguística. De dentro, o enorme aparato epistêmico-ideológico da modernidade permite que a imaginação colonial pressuponha o colonizado-colonializados como menos que humano, expressiva e linguisticamente (Veronelli, 2015, p. 47-48). Tradução nossa.

Dessa maneira, a racialização assume o papel de desumanizar a população negra, sinalizando a língua dos oprimidos como algo a ser rejeitada e excluída, colocando em posição de privilégio a língua do colonizador que, a partir do momento inicial da colonização, dita o que é certo ou errado na língua, o que se pode ou não usar, criando uma relação antagônica entre a língua do colonizado e a do colonizador, e deixando o colonizado como menos humano, sem poder de expressão. Matos (2020) exemplifica a colonialidade da linguagem com o caso de Rigoberta Menchú, uma indígena guatemalteca que viu a necessidade de aprender a língua do colonizador para não ser excluída e que dita língua teve um papel importante na construção de sua identidade.

Fanon (2008) indica que a colonização consegue ir além da subordinação material de um povo frente ao outro, ela fornece meios de como as pessoas vão se comunicar umas com as outras e de quais maneiras elas vão se entender. O autor comenta que as palavras são dadas para alguém que nunca as pediu, e acrescenta que, assim como Menchú na Guatemala, a maioria das populações negras empenha-se em fixar-se no modo de falar eurocêntrico e isso acontece por conta do sentimento de impotência, um dos efeitos das colonialidades. Fanon (2008) ainda comenta que como grupos minorizados não possuem a oportunidade de exercer o impacto desejado no mundo social, eles se voltam para dentro de si mesmos. O autor frisa que essa é uma atitude problemática, pois não há liberdade sem visibilidade. Trata-se do que ele denomina “um mundo de outros”. Esse mundo de outros foi o que Menchú, ganhadora do Nobel da Paz em 1992, apontou em sua luta contra a língua hegemônica, mostrando que é possível preservar a língua originária com o status de língua. A isso Matos (2020) chama de “despertar de consciência”, a respeito do papel que as línguas têm sobre um povo.

A colonialidade da linguagem é um processo que acompanha a colonialidade do poder, esta segue com sua agenda de preconceitos, silenciamentos e abusos contra as populações marginalizadas – por esse motivo que se diz que é um desdobramento da colonialidade do poder (Veronelli, 2015). As colonialidades são responsáveis pela desumanização das populações negras e a colonialidade

da linguagem tem seu foco na desumanização que tange a relação raça/linguagem, rebaixando qualquer expressão linguística que não seja eurocêntrica. Se os colonizadores já pressupunham que a população negra era inferior biologicamente, não é diferente na questão da linguagem.

Neste artigo, apresentamos como os dicionários podem ser responsáveis pela manutenção da colonialidade da linguagem, deixando de utilizar *marcas de uso* essenciais para sinalizar termos que podem ter conotação racista nos contextos de utilização. O dicionário, como um livro, apresenta uma memória coletiva, uma realidade social, sendo como guarda da experiência social de um povo, manifestado por meio de palavras (Lara, 1990). No entanto, muitas vezes, esses dicionários seguem o que é chamado de norma padrão, desfazendo-se do que não está nessa norma. Lagares (2013) chama atenção ao fato de os grandes centros do mundo hispânico difundirem normas próprias do que seria considerado certo ou errado sobre a língua. Nesse ponto, a *Real Academia Española*, doravante RAE, juntamente com várias academias das línguas dos países hispânicos (ASALE – *Asociación de Academias de la Lengua Española*), são responsáveis por difundir esse caráter normativo da língua.

Para a realização dessa discussão, este artigo se organiza nas seguintes seções: *Dicionários e colonialidades*, *Afromexicanos e racismo no México*, *Análises das marcas de uso nos dicionários*, e, finalmente, discutiremos de qual forma os dicionários podem colaborar com a decolonialidade, sendo instrumentos de resistência.

1 Dicionários e colonialidades

A Lexicografia é a área da Linguística que estuda os dicionários e, segundo Rodrigues e Lafuente (2022), essa área se dedica a elaboração, análise e utilização dos dicionários. Para Lara (1990, p. 31), o dicionário é mais que um objeto descritivo de uma determinada língua, ele também é a representação da realidade de um povo e a sua memória coletiva. O autor comenta que o dicionário vai além de um depósito de palavras dispostas, geralmente, em ordem alfabética. Por meio dele, se nota as mudanças da língua (palavras em desuso, neologismos, palavras que representam algum tipo de unidade nacional).

Para Humblé (2013, p.163), o conceito de autoestima atravessa a ideia de que o dicionário constitui um ponto de referência do falar de um povo que quer ter sentido para a sociedade, conectando essa autoestima à língua nacional. Essa

característica intrínseca do dicionário, em ser o ponto de referência de muitos povos, faz com que diversas colonialidades, principalmente a colonialidade da linguagem, apareçam em suas páginas, pois a norma culta denota poder, e quem assume o poder são os que têm interesse na manutenção de colonialidades.

Segundo Veronelli (2015, p. 48), a relação raça/linguagem é praticada através de uma perspectiva eurocêntrica, esta que é usada como combustível para as colonialidades em nosso continente americano. O lexicógrafo não pode retirar nenhuma palavra que exista na sociedade simplesmente por tirar, pois ele é o mediador entre a sociedade e a obra, mas ele pode auxiliar no combate a essas colonialidades, usando os mecanismos que o próprio dicionário oferece na sua macro e microestrutura. A macroestrutura é a forma como o corpo do dicionário é organizado.

(...) macroestrutura refere-se à forma como o corpo do dicionário é organizado. Empregando-se o termo nesse sentido, pode-se caracterizar a macroestrutura mediante perguntas como: O arranjo das entradas é temático ou alfabético? Os verbetes têm todos o mesmo formato? Há ilustrações gráficas e/ou tabelas no meio dos verbetes? Informações sintáticas ou outras estão colocadas fora do verbete? (Welker, 2004, p.81).

Na macroestrutura, o *arranjo das entradas* geralmente será organizado de acordo com a grafia, sendo em ordem alfabética o mais utilizado. Os dicionários eletrônicos podem ser usados como exemplos de uma macroestrutura que não está em ordem alfabética.

As unidades lexicais são apresentadas numa macroestrutura, ou seja, numa sucessão de artigos independentes ou entradas. As entradas têm de ser ordenadas de forma a que o usuário as possa encontrar seguindo um algoritmo explícito. Assim, existem dicionários semasiológicos, que seguem o princípio "do significante para o significado". Nestes, a ordenação típica é a alfabética, o que tem a grande vantagem em termos de rapidez e simplicidade ao procurar uma entrada, mas, por outro lado, as relações semânticas dentro do vocabulário não são tidas em conta (Kocjančič, 2004, p. 173).

Ainda na macroestrutura, o lexicógrafo precisa selecionar quais lemas vão aparecer em suas obras. A priori, o lema é a forma canônica do lexema: infinitivo dos verbos, masculino e singular dos substantivos e adjetivos (Welker, 2004). A quantidade de lemas que estarão no dicionário depende do tamanho previsto para o dicionário e do seu público, podendo variar consideravelmente entre as

obras. Essa forma canônica também pode ser contestada, levando em conta que colabora com a colonialidade do gênero, colocando o masculino como cânon em detrimento do feminino.

Por sua vez, a microestrutura se refere à organização das informações que aparecem em cada verbete, logo após a entrada. Segundo Welker (2004, p. 107), “a microestrutura deve ser organizada de forma constante, isto é, igual, padronizada, em todos os verbetes”. É essencial que o dicionário apresente uma macroestrutura e uma microestrutura bem estruturada e coesa para facilitar o acesso às informações ao consulente.

Da microestrutura, o que queremos mostrar neste artigo é no que diz respeito às marcas de uso. De acordo com Vilarinho (2017), as marcas de uso vão indicar restrições com base na situacionalidade ou vão condicionar o emprego de lexemas levando em conta a intencionalidade, ou seja, quando um consulente verifica determinada palavra no dicionário, as marcas de uso servem para alertá-lo quais contextos aquela palavra vai carregar em seu uso. Se as marcas de uso não estiverem bem sinalizadas, o consulente pode usar algum determinado verbete de maneira errônea na sociedade levando em conta o desconhecimento do contexto, o que acontece muito no caso de consulentes estrangeiros. Um estrangeiro aprendendo uma segunda língua, pode usar o dicionário para checar uma palavra, e se a marca de uso não o alerta sobre a situacionalidade da palavra, esse estrangeiro pode reproduzir as colonialidades sem fazer um exercício crítico. As marcas de uso, geralmente, são colocadas entre parênteses ou abreviadas em itálico, a lista de abreviaturas aparece, muitas vezes, nos textos externos dos dicionários, mostrando o significado de cada marca de uso. Existem vários tipos de marcas de uso, conforme exemplificamos no quadro abaixo.

Quadro 1 - Tipos de marcas de uso

Tipos de Marcas de uso	Definições	Exemplos
Diacrônicas	são aquelas usadas para indicar a novidade ou obsolescência de um uso.	<i>antiquado, envelhecido, neologismo</i>
Diatópicas	aplicadas a acepções restritas a certas regiões ou países	<i>Méx. Br.</i>
Diaintegrativas	usadas para assinalar estrangeirismos	<i>Estrang.</i>
Diamediais	diferenciam entre as linguagens oral e escrita	<i>Uso oral</i>
Diastráticas	tratam dos usos pertencentes a determinados “estratos” sociais, isto é, usos que geralmente se verificam entre os membros de um determinado grupo social	<i>chulo, familiar, coloquial, elevado</i>
Diafásicas	diferenciam entre as linguagens formal e informal	<i>“crente” (protestante fanático)</i>
Diatextuais	assinalam que o lexema – ou acepção – é restrito a determinado gênero textual	<i>poético, literário, jornalístico</i>
Diatécnicas	informam que a acepção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto	<i>Botânica – Bot.</i>
Diafrequentés	indicação de frequência na língua, quanto ao uso em questão em geral	<i>raro, muito raro</i>
Diaevaluativas	mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo	<i>pejorativo, eufemismo</i>

Fonte: autoria própria com base nos dados de Welker (2004) e Kasama (2015).

O dicionário, por mais que não se proponha a isso, tem um caráter norma-

tivo e está junto com as instituições sociais e políticas aplicando as normas linguísticas (Lara, 1990). A colonialidade tem como agenda normatizar pessoas, culturas, línguas, engessando-as em um padrão eurocêntrico, no qual se o indivíduo não se encaixar, sofre com as questões excludentes causadas pela colonialidade. Nas Américas, a normatização linguística foi aplicada primeiro com a imposição do ensino da língua do colonizador pelos missionários que vieram nas Grandes Navegações, em seguida, com o avanço do processo de colonização e os grandes impérios exercendo poder sobre a América. Com essas ações, cada vez mais as línguas originárias foram sendo dizimadas e colocadas como inferiores.

Nos países de língua espanhola, a instituição responsável por normatizar a língua é a *Real Academia Española* (RAE) que produz o *Diccionario de Lengua Española* (DLE), que segundo seu site web², tem como objetivo fundamental: “*velar por que la lengua española, en su continua adaptación a las necesidades de los hablantes, no quiebre su esencial unidad*”. Ou seja, a RAE tem como objetivo principal velar para que a língua espanhola, em sua contínua adaptação às necessidades dos falantes, não rompa com sua unidade essencial. Entendemos essa quebra de unidade essencial, como a não aceitação de outras vozes, de outras variedades e variantes da língua espanhola, faladas por países tão plurais no mundo.

A colonialidade da linguagem praticada pela RAE durante anos de normatização pouco a pouco vem sendo questionada, como a história de Rigoberta Menchú mencionada nas considerações iniciais deste artigo, que é quando mulheres de comunidades indígenas resistem utilizando as línguas nativas em territórios controlados pelas políticas linguísticas da língua do colonizador. Parera (2014) comenta que o discurso neocolonialista da RAE está a serviço da unidade normativa da língua e não quer transformar a língua em uma unidade como ela diz em suas páginas de apresentação.

A fim de analisar as marcas de uso em verbetes de significado racista do espanhol mexicano, selecionamos três dicionários, a saber: (i) DLE (*Diccionario de la Lengua Española*): dicionário de língua geral, da RAE e ASALE, disponível online, de maneira gratuita; (ii) DEM: dicionário online do espanhol mexicano, igualmente gratuito; e (iii) *Diccionario de Mexicanismos*: dicionário impresso do espanhol mexicano, 648 páginas, com aproximadamente 18.700 verbetes. As palavras selecionadas para análise foram retiradas de notícias, encontradas através

2 Disponível em: <https://www.rae.es/la-institucion/la-rae>. Acesso em 30 de novembro de 2024.

do buscador Google, sobre afromexicanos e racismo em território mexicano. Antes da apresentação da análise das marcas de uso nos dicionários supracitados dos verbetes *gato*, *negreo* e *negrero*, apresentaremos considerações relacionadas aos afromexicanos e o racismo no México.

2 Afromexicanos e racismo no México

O conceito de raça, que, segundo Quijano (2005), foi criado pelos europeus, é responsável por categorizar indivíduos em cores, denotando diferenciação na aceitação da cor da pele, trazendo problemas para as populações negras, pardas e indígenas, quando falamos de América. Esse conceito de raça está atrelado totalmente com a divisão de trabalho, onde os brancos assumem posições de prestígio e recebem os melhores salários e os não brancos trabalham muito para receber pouco.

A classificação racial da população e a associação precoce das novas identidades raciais dos colonizados com formas de controle do trabalho não remunerado e não assalariado desenvolveram entre os europeus ou brancos a percepção específica de que o trabalho remunerado era um privilégio dos brancos. A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos de receber um salário. Eram naturalmente obrigados a trabalhar em benefício dos seus senhores. (Quijano, 2005, p. 207. Tradução nossa).

Essa diferença salarial corrobora o que Quijano chama de *colonialidade de controle de trabalho*. Trata-se do novo padrão mundial, que foi exclusivamente colonial, primeiramente por atribuir os trabalhos não remunerados às raças colonizadas, nas quais a população negra está inserida – e os trabalhos remunerados foram atribuídos às populações brancas.

O *racismo linguístico* é mais um elemento da estrutura racista. Por meio da linguagem nos comunicamos, mas a língua falada na América Latina é a língua do colonizador branco, daquele que caracterizou as pessoas de acordo com a raça.

A linguagem tem sido um grande fetiche do mundo ocidental há séculos. Não apenas por meio das mais diversas formas de normatização e idealização das línguas nacionais, tendo como base o mundo brancocêntrico grecolatino, mas pelos próprios circuitos de reprodução da linguagem na modernidade, usados para consolidar o processo de formação da modernidade. Ou seja, a modernidade não apenas usou a ideia de linguagem no âmbito do projeto romântico, liberal, cristão e idealista das línguas nacio-

nais europeias (como é o caso do português, francês, espanhol e italiano), como também lançou mão dela para criar uma definição para o mundo inteiro, passando a operar todos os conceitos a partir da Europa (Nascimento, 2019, p. 13).

Assim, o Ocidente mostra que sempre teve fetiche na língua como poder. Os países europeus, berços das línguas romances que conhecemos, estão a todo momento tentando normatizar a língua seguindo suas premissas, como foi citado o caso da RAE, que agora informa que conta as academias dos outros países que falam espanhol fora da Europa, mas que continua sendo ela, a instituição espanhola que dá o aval sobre as mudanças no idioma, as inserções de palavras novas, o que pode ou não ser considerado. Nascimento (2019) deixa claro que o signo “negro” é um conceito novo e não natural, criado pela branquitude e que os negros e indígenas da América foram obrigados a falar o idioma do colonizador.

Nascimento (2019) afirma que o racismo se reproduz nas condições históricas, econômicas e culturais, mas é na língua que ele se materializa em suas formas de dominação.

Nenhuma língua tem cor em si simplesmente porque as línguas não existem em si. Mas as línguas têm sujeitos por trás delas. E esses sujeitos são situados e datados, no ocidente, por sistemas da racionalidade que, como disse anteriormente, vem racializando sujeitos nas Américas desde 1492 (Nascimento, 2019, p.21).

Por sua vez, Mbembe (2014) também comenta a respeito da palavra “negro”, mostrando que se trata de uma criação da branquitude para reduzir em uma palavra só várias comunidades advindas do continente africano. O nome África, segundo Mbembe, (2014) remete ao elemento físico e geográfico – continente – que dentro do geográfico se reconhecem atributos sociais, econômicos, e uma condição racial, ou seja, a colonialidade também se apropria do nome do continente para usá-lo como sinônimo para a palavra *pobreza* e afins.

O México é o país mais populoso de língua espanhola no mundo, majoritariamente formado por indígenas. A população afromexicana não tem grande representação no país, sendo muitas vezes rechaçada ou mesclada com os indígenas, que sabemos que o racismo atua de várias maneiras, logo, em cada população ele ressoa de maneira diferente. A população negra mexicana praticamente está concentrada em um lugar chamado Costa Chica, que engloba os estados de Guerrero e Oaxaca, banhados pelo Oceano Pacífico, além de Veracruz.

A exclusão dos afromexicanos da narrativa nacional é o resultado de longos processos históricos e políticos, (situação colonial, Independência, Revolução Mexicana). Estes processos forçaram um imaginário e um sujeito nacional mestiço, ou seja, produto de uma mestiçagem cultural e biológica entre indígenas e espanhóis. (Cruzmerino, 2016, p.91). Tradução nossa.

De acordo com Cruzmerino (2016), a participação da população negra na independência mexicana em 1821 foi crucial para que grandes mudanças acontecessem como o final da escravidão e das castas raciais. Então, com o desaparecimento dos documentos dos afrodescendentes mexicanos, surge no México uma reflexão política e intelectual sobre a identidade mexicana. No país norte-americano, existe uma questão, que é a de quantificar a população negra para que possam ter acesso a políticas oferecidas pelo Estado, pois, com a perda dos documentos com a independência do domínio da Espanha, seguindo ordens, todos os habitantes eram considerados mexicanos, independentemente de sua origem étnica.

A população negra mexicana, hoje em dia, convive com diversos problemas e situações impostas pela colonialidade. Velazquez e Iturralde Nieto (2016) comentam que duvidar da nacionalidade mexicana de uma pessoa afromexicana é muito comum, colaborando com o impedimento de algumas crianças de frequentar a escola por conta do seu tom de pele e essa característica ser levada em consideração na hora de medir a aprendizagem. Essas são formas de racismo comuns no México. As autoras ainda afirmam que é frequente ouvir palavras que menosprezam as populações negras com significados cheios de racismo e discriminação.

No dia a dia, o racismo se expressa sobretudo em piadas, comentários e frases que ridicularizam, menosprezam ou depreciam as pessoas por causa de seu tom de pele, história, cultura, tradições ou condição social. Frases como "el negrito en el arroz", que qualifica o tom de pele escuro como desagradável; "trabajar como negro", que reflete a condição de escravidão e superexploração a que os povos africanos foram submetidos; "cena de negros", que indica que pessoas com esse tom de pele se comportam de forma violenta ou pouco amável; são alguns exemplos dessas práticas, que muitas vezes são reproduzidas de forma não reflexiva (Velázquez e Iturralde Nieto, 2016, p.106-107, Tradução nossa).

As autoras reiteram que, no México, são tomadas algumas atitudes para que sejam erradicadas as práticas racistas no país, como a criação de um conse-

Iho – o *Consejo Nacional para Prevenir la Discriminación* (Conapred) – e uma lei promulgada contra o racismo que está presente na Constituição Mexicana. No entanto, se fazem necessárias medidas mais eficazes para que os mexicanos possam alcançar um nível mais avançado de conscientização. Segundo as autoras, existem testemunhos da população afromexicana que revelam o que foi comentado por Cruzmerino (2016): nem os próprios mexicanos sabem da existência de uma população afromexicana, vide o caso de afromexicanos que são deportados pelos agentes migratórios para a América Central por conta de suas características relacionadas a cor de pele e outros fenótipos, revelando ainda mais o apagamento dessa população.

Retomamos Mbembe (2014) sobre os sentimentos que a palavra pode transbordar: a palavra pode evocar algum sentimento na consciência daquele que ouve, e quanto mais densidade e espessura a palavra tem, mais sentimentos ela pode causar em quem está ouvindo. Dessa maneira, as palavras podem ferir, principalmente quando não representam a população negra em nada, palavras carregadas de ódio, segregação e de peso que não corroboram a cultura dessas pessoas. Assim, considerando as diversas formas de racismo, incluindo o linguístico, sofrido pela população negra mexicana, histórica e atualmente, apresentamos, na próxima seção, a análise de três palavras relacionadas à população negra e como estão apresentadas em três dicionários de língua espanhola, a fim de avaliar o caráter (*colonial* ou *decolonial*) dessas obras.

3 Análise de marcas de uso nos dicionários

Conforme já mencionado, neste trabalho nos preocupamos em verificar se as marcas de uso de três dicionários de língua espanhola alertam o consulente sobre o uso racista e ofensivo de determinadas palavras. Foram selecionadas 16 palavras, retiradas de portais de notícias mexicanos sobre a temática racial. O *Diccionario de la Lengua Española* (DLE) foi selecionado devido ao seu fácil acesso (versão online) e por ser considerado um dicionário monolíngue, de língua geral. A versão analisada é elaborada pela RAE em parceria com a ASALE. O *Diccionario de Mexicanismos* (DEM), dicionário online e gratuito elaborado por COLMEX e o *Diccionario de Mexicanismos* (Academia Mexicana de la Lengua), versão impressa com aproximadamente 18.700 verbetes.

Após a seleção das palavras e a definição das obras lexicográficas, partimos para a análise das marcas de uso. Ao todo, foram descritos 16 verbetes: *cha-*

cha, chango, denigrar, esclavo, gato, moreno, mulataje, naco, negrada, negrear, negreo, negrerío, negrero, negrito, prieto y raza. O Quadro 1 apresenta os resultados de cada palavra nos dicionários analisados.

Quadro 2 - Análise das palavras nos dicionários de língua espanhola

(continua)

Palavras	DLE	DEM	MEXICANISMOS
chacha	Marca de uso: coloquial	Sem marca de uso	Não consta
chango	Não consta	Marca de uso: popular	Não consta
denigrar	Sem marca de uso	Sem marca de uso usoestraneirismos	Não consta
esclavo	Sem marca de uso	Sem marca de uso	Não consta
gato	Marca de uso: despectivo/coloquial	Marca de uso: ofensiva	Marca de uso: despectivo/coloquial
moreno	Sem marca de uso	Sem marca de uso	Não consta
mulataje	Não consta	Não consta	Marca de uso: pouco usado
naco	Marca de uso: despectivo	Marca de uso: ofensivo/popular	Marca de uso: despectivo/coloquial
negrada	Marca de uso: despectivo/coloquial	Não consta	Marca de uso: despectivo/coloquial
negrear	Marca de uso: despectivo/coloquial	Não consta	Marca de uso: coloquial
negreo	Não consta	Não consta	Sem marca de uso
negrerío	Não consta	Não consta	Marca de uso: coloquial/despectivo/pouco usado
negrero	Sem marca de uso	Não consta	Não tem marca de uso
negrito	Sem marca de uso	Sem marca de uso	Marca de uso: afetiva/coloquial

prieto	Sem marca de uso	Sem marca de uso	Marca de uso: despectivo
raza	Sem marca de uso	Sem marca de uso	Não consta

Fonte: autoria própria.

A Tabela 1 apresenta os dados numéricos da existência do verbete nos dicionários analisados e o uso ou não de marcas de uso:

Tabela 1 – Relação verbete – dicionário

Dicionário/ Verbetes	DLE	DEM	Mexicanismos
não consta no dicionário	4	6	6
consta, mas não apresenta marca de uso	7	7	6
consta e apresenta marca de uso	5	3	6

Fonte: autoria própria.

De acordo com o Quadro 2 e a Tabela 1, é possível verificar que as marcas de uso diaevaluativas, como “despectivo” aparecem em 6 termos no dicionário de Mexicanismos, no dicionário DEM, eles utilizam “ofensivo”, o que também configura uma marca de uso diaevaluativa, e aparecem somente em 2 acepções. No DLE, eles utilizam “despectivo” e aparece em 4 palavras dos 16 termos pesquisados. Sobre as marcas de uso diastráticas, o termo “coloquial” é o mais utilizado pelo dicionário de Mexicanismos, estando presente 5 vezes. A marca de uso “popular” também é considerada uma marca de uso diastrática, sendo visível 3 vezes no DEM. No DLE, trata-se da marca “coloquial” e também aparece 3 vezes. O DLE é o dicionário em que aparecem mais verbetes, por ser um dicionário online pode abarcar mais léxico que um dicionário impresso, além disso, é uma obra que se propõe a abarcar palavras de uso geral da língua espanhola, contemplando as diversas variantes do idioma. Por outro lado, o dicionário que apresenta mais marcas de uso é o *Diccionario de Mexicanismos*, 9 no total.

Existem os casos que não apresentam nenhuma marca de uso, como o

caso de *denigrar*, *esclavo* e *moreno*. É importante salientar, que estamos considerando os lexemas que foram encontrados nos dicionários. No *Diccionario de Mexicanismos*, 1 palavra não apresenta nenhuma marca de uso, no DEM são 5 palavras sem marca de uso e no DLE são 6 acepções sem as marcas de uso devidamente sinalizadas.

Em Andrade (2024), são analisados e descritos os 16 verbetes selecionados. Para este artigo, no entanto, revisamos e nos aprofundamos na análise de três casos: *gato*, *negrear* e *negrero*. Os dados foram dispostos em quadros, em que são apresentadas todas as informações dos verbetes retiradas dos três dicionários consultados. O Quadro 4, apresenta os dados relativos ao verbete gato:

Quadro 4 - Análise das marcas de uso do verbete “Gato”. Exemplo de marca de uso diaevaluativa

(continua)

GATO	
DLE	DEM
Del lat. tardío cattu.	gato
1. m. y f. Mamífero de la familia de los félidos, digitígrado, doméstico, de unos 50 cm de largo desde la cabeza hasta el arranque de la cola, que por sí sola mide unos 20 cm, de cabeza redonda, lengua muy áspera, patas cortas y generalmente pelaje suave y espeso, de color blanco, gris, pardo, rojizo o negro, empleado en algunos lugares para cazar ratones. U. en m. ref. a la especie.	s l 1 (Felis catus, Felis domestica) Mamífero carnívoro doméstico, de la familia de los félidos, que mide aproximadamente 50 cm de largo, tiene la cabeza redonda, la lengua áspera, orejas triangulares, cola larga, pelo suave y espeso, y largos bigotes. Cuando se asusta, eriza su piel; cuando siente placer emite un suave gruñido continuo; su voz es un sonido agudo, nasal y prolongado. Es independiente y silencioso. Existen muchas variedades que se distinguen por la forma de su cuerpo, la abundancia o longitud de pelo, el color, etc: gato de angora, gato siamés, gato negro, el maullido de un gato
Sin.: minino, michino, cucho, colocolo, micho, morrongo, morroño, mozo.	s m
2. m. y f. coloq. Persona nacida en Madrid. Sin.:madrileño.	2 Gato montés (Lynx rufus) Mamífero carnívoro, de la familia de los félidos y de vida salvaje, que mide aproximadamente 60 o 70 cm de largo, tiene piernas largas y
3. m. y f. C. Rica y Nic. Persona que tiene los ojos verdes o azules. U. t. c. adj.	
4. m. y f. despect. coloq. El Salv. y Méx. servidor (persona que sirve como criado).	

(continua)

Sin.:criado, sirviente, servidor, chino, guachimán.

5. m. Máquina que sirve para levantar grandes pesos a poca altura, y que funciona con un engranaje y un trinquete de seguridad, o con una tuerca y un husillo.

Sin.:elevador, palanca, cric.

6. m. Instrumento de hierro que sirve para agarrar fuertemente la madera y llevarla a donde se pretende, y que se usa para echar aros a las cubas, y en el oficio de portaventanero.

7. m. Bolso o talego en que se guardaba el dinero.

8. m. Dinero que se guardaba en el gato.

9. m. Trampa para coger ratones.

10. m. coloq. Ladrón, ratero que hurta con astucia y engaño.

11. m. coloq. Hombre sagaz, astuto.

Sin.:zorro, pícaro, traicionero.

12. m. Carp. Instrumento de hierro o de madera compuesto de dos planchas con un tornillo que permite aproximarlas de modo que quede fuertemente sujeta la pieza que se coge entre ambas.

13. m. Mil. Instrumento que consta de seis o más garfios de acero, y servía para reconocer y examinar el alma de los cañones y demás piezas de artillería.

14. m. Zool. Animal férido en general.

15. m. Arg. y Ur. Baile de movimientos rápidos, de pareja suelta que suele acompañarse de coplas cuya letra coincide con las distintas figuras.

16. m. Arg. y Ur. Música que acompaña al

cola muy corta. Es de color café moteado, mezclado con gris y negro en las partes superiores, por debajo blanco con manchas negras; su cara está rodeada por una franja de pelo largo y tiene por lo general una borla en las orejas y en la punta de la cola

3 Cualquier mamífero de la familia de los féridos, como el león, el leopardo, el jaguar, etc: los grandes gatos africanos

4 Defenderse como gato boca arriba Defenderse con bravura y utilizando todos los medios de que se disponga

5 Buscarle tres pies al gato Buscar dificultades a algo simple: "Ya te dije donde encontrarlo, no le busques tres pies al gato"

6 Haber gato encerrado Haber algo sospechoso: "Tanta amabilidad me hace creer que hay gato encerrado"

7 Con un ojo al gato y otro al garabato Con la atención puesta en dos cosas al mismo tiempo

8 Darse una manita de gato, darle una manita de gato Arreglarse superficialmente una persona o arreglar la apariencia de algo rápidamente: "Voy a darle una manita de gato a la casa antes de que lleguen los invitados"

9 Dar gato por liebre Engañar a alguien, haciendo pasar una cosa por otra de mejor calidad: "Te dieron gato por liebre con el coche que te vendieron"

10 Ponerle el cascabel al gato Atreverse a enfrentar a una persona más poderosa que uno mismo

II

1 Cuatro gatos (Popular) Pocas personas en

gato.	en relación con las esperadas: "Al comenzar el concierto, sólo había cuatro gatos"
17. m. El Salv., Hond. y R. Dom. bíceps braquial.	2 (Ofensivo) Criado o sirviente
Sin.: bíceps, conejo, ratón, caña.	
18. f. gatuña.	III
Sin.: gatuña, gatuna, asnacho, asnallo, aznallo, detienebuey, abreojos, tentabuey.	En el sureste, bíceps
19. f. Nubecilla o vapor que se pega a los montes y sube por ellos como gateando.	gato2
20. f. Mil. Cobertizo, a manera de manta, para cubrir a los soldados que se acercaban al muro para minarlo.	s m Aparato mecánico, neumático o hidráulico, que sirve para levantar vehículos y cargas a poca altura: "Necesito un gato para cambiar la llanta"
21. f. coloq. Ál. Oruga grande de pelos largos y erizados, con dos apéndices en el último anillo.	gato3
22. f. Ast. Oruga de la mariposa de la col.	s m
23. f. Bol., Chile, C. Rica, Ec., Hond., Nic. y Perú. gato (máquina para levantar pesos).	1 Juego que consiste en poner tres marcas (tres equis o tres ceros) en línea recta (horizontal, vertical o diagonal) dentro de una cuadrícula de nueve casillas, antes de que lo haga el contrario, con quien se alternan las tiradas
24. f. Cuba. Pez selacio marino de color pardo amarillo, con largos barbillones en el borde anterior de los orificios nasales, que alcanza cuatro metros de longitud, vive en el Atlántico tropical y su carne es comestible.	2 Signo que indica número (#)
Disponível em: https://dle.rae.es/gato?m=form&m=form&wq=gato . Acesso em 13 de dezembro de 2024.	Disponível em: https://dem.colmex.mx/Ver/gato . Acesso em 13 de dezembro de 2024.

Diccionario de la Academia Mexicana de la Lengua

Gato, ta. M. Juego de mesa que consiste en poner tres marcas en forma horizontal, vertical o diagonal, en un cuadro reticulado o en una retícula de nueve casillas, antes de que lo haga el oponente. 2. Coloq. Cualquier felino. 3. Pop/obsc/euf. Órgano sexual femenino. 4. F. coloq/despect. Mujer dedicada al servicio doméstico: "No laves los trastes, que lo haga la gata". 5. M y F. naco: "Iván es un gato, no se sabe vestir". 6. Supran. Coloq/despect. Persona que sirve como criado: "El gato de mi patrón le limpia las botas todos los días". 7. Persona que en una empresa o institución tiene puesto muy bajo: "El papeleo que lo haga el gato". 8. INTERJ. Se usa para indicar que se ganó en el juego de mesa gato: "¡Gato! Ya gané".

Fonte: Autoria própria baseada no modelo Lafuente (2017).

Diferente do Brasil, em que a palavra gato assume um contexto positivo, referindo-se à beleza humana, em países hispânicos acontece o contrário. Começamos, essa análise, mostrando o estudo de López e Díaz (2022), que sinaliza como os afromexicanos são obrigados a migrar para que tenham uma melhor expectativa laboral, pois para eles só restam os trabalhos braçais e tudo isso por conta da racialização, então, explicitando o motivo de “gato” assumir um tom racista nesse contexto.

Um efeito da racialização dos corpos afro-mexicanos encontra-se na sua suposta capacidade para realizar trabalhos fisicamente extenuantes ou suportar atividades físicas ao sol. Durante o trabalho de campo, encontramos constantemente comentários que associavam os corpos afro-descendentes a capacidades físicas para suportar o calor, para trabalhar ao sol, para serem mais fortes e para aguentarem trabalhos pesados (López e Díaz, 2022, p.146)³.

Neste sentido, sabemos que a população que ocupa o lugar desse “gato” mexicano é a afromexicana, além da indígena. Fanon (2008, p.147) comenta que o branco está convencido de que o negro é um animal. Ser comparado a um gato, como mencionado acima, no contexto mexicano é algo despectivo como mostram as análises das definições e marcas de uso analisadas.

Levando em conta a definição 4 do DLE, o do *Diccionario de Mexicanismos*, e a definição 2 do segundo bloco de definições do DEM, o branco chama o negro criado de gato, perpetuando o racismo através da linguagem. Sobre as marcas de uso, os dois dicionários, DLE e Mexicanismos, convergem sinalizando com as marcas de uso “despectivo e coloquial”. O DEM utiliza uma marca de uso diaevaluativa “ofensiva”, sinalizando que esse verbete não deve ser utilizado em nenhuma circunstância, pois o interlocutor se sentiria ofendido. Mbembe (2014) usa o sintagma “escravo de subsistência” para falar da população negra que é vista como doméstica por uma vida inteira pela sociedade racista e colonial. Segundo o autor, se uma palavra que representa um animal irracional é atrelada ao negro, se entende que o negro está sendo inferiorizado enquanto ser pensante

3 Un efecto de la racialización de los cuerpos de los afromexicanos se encuentra en su supuesta capacidad para llevar a cabo trabajos extenuantes físicamente o soportar llevar a cabo actividades físicas bajo el sol. Durante el trabajo de campo, constantemente encontramos comentarios que asociaban los cuerpos afrodescendientes con capacidades físicas para aguantar el calor, trabajar bajo el rayo del sol, ser más fuertes y aguantar más el trabajo pesado. (López e Díaz, 2022, p.146).

Quadro 5 - Análise das marcas de uso do verbete “Negrear”. Exemplo de marca de uso diastrática

NEGREAR	
DLE	DEM
<p>negrear</p> <p>1. intr. Mostrar color negro o negruzco.</p> <p>2. intr. Ennegrecerse, tirar a negro.</p> <p>Sin.:</p> <p>ennegrecerse, negrecer, oscurecerse.</p> <p>3. intr. Bol. Cortejar a varias mujeres al mismo tiempo.</p> <p>4. intr. Bol. Ir de farra, buscando aventuras amorosas.</p> <p>5. intr. Bol. Dicho de un taxista: Trabajar ilegalmente por las noches sin tener licencia.</p> <p>6. tr. despect. coloq. Arg., Bol., Col., Ec., Guat., Méx., Nic., Par., Perú y Ur. Explotar, utilizar abusivamente a un trabajador.</p> <p>7. tr. Col., Pan., Perú, R. Dom. y Ven. menospreciar (tener en menos). Te negrearon; no te invitaron a la fiesta.</p> <p>Sin.:</p> <p>menospreciar, infravalorar, subestimar, minusvalorar.</p> <p>Disponível em: https://dle.rae.es/negrear?m=form&m=form&wq=negrear. Acesso em 01 de dezembro de 2024.</p>	<p>SU BÚSQUEDA NO TUVO RESULTADOS</p> <p>La hemos registrado para su posible inclusión en el diccionario.</p> <p>Disponível em: https://dem.colmex.mx/Ver/negrear. Acesso em 01 de dezembro de 2024.</p>

Diccionario de la Academia Mexicana de la Lengua

Negrear. TR. Supran. Coloq.. Explotar, tratar como esclavo a alguien: Renuncié porque mi jefe me negreaba todo el tiempo”.

Fonte: Autoria própria baseada no modelo Lafuente (2017).

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão nas Américas, mas podemos refletir sobre qual escravidão foi abolida e como ocorreu esse processo. Durante muitos anos, a população negra sempre foi utilizada como mão de obra

barata e indigna de soldo. Quijano (2005) comenta sobre o processo histórico que está presente na divisão social/racial do trabalho, em que negros e mestiços ganham menos e estão em piores situações laborais. Hoje não é muito diferente. Por isso, ao usar a palavra “*negrear*” para se referir a qualquer pessoa que tenha trabalhado muito é de cunho colonial. É como se essa fosse uma marca que não pudesse ser tirada da população negra; como se a todo momento a população negra tivesse que lidar com a escravidão do passado.

O dicionário DEM não apresenta esse verbete. O dicionário DLE na sexta definição apresenta o significado de ‘*negrear*’ em tradução livre como “explorar, utilizar abusivamente a um trabalhador”, um significado que remete ao passado escravocrata da sociedade mexicana, não muito diferente de vários países do continente americano. Quanto à marca de uso, esse dicionário apresenta as marcas “despec”. e coloq., ao menos indicando que pode ser depreciativo. Nos chama atenção o exemplo dado na definição 7 do dicionário DLE, que, de acordo com as siglas dos países, não abarca o México, por esse motivo não analisamos, mas abrimos um parêntese para traduzir o exemplo dado nessa definição: “te negrearam, não te convidaram para a festa”. Como se pode observar, esse exemplo assume o sentido de menosprezar. Já no dicionário de Mexicanismos, a marca de uso que aparece é “coloq”, não indicando que o termo pode ser ofensivo ou depreciativo, mas somente que é usado em contexto informal da língua.

Quadro 6 - Análise das marcas de uso do verbete “Negrero”. Exemplo no qual não aparece marca de uso.

NEGRERO	
DLE	DEM
negrero, ra	SU BÚSQUEDA NO TUVO RESULTADOS
1. adj. Dedicado a la trata de negros. Apl. a pers., u. t. c. s.	La hemos registrado para su posible inclusión en el diccionario.
Sin.:	
esclavista.	Disponível em: https://dem.colmex.mx/Ver/negrero . Acesso em 01 de dezembro de 2024.
2. m. y f. Persona que trata con crueldad a sus subordinados o los explota.	
Sin.:	
explotador, tirano, déspota.	
Disponível em: https://dle.rae.es/negrero?m=form&m=form&wq=negrero . Acesso em 01 de dezembro de 2024	

Diccionario de la Academia Mexicana de la Lengua

Negrero, ra. M. y. F. Jefe o patrón explotador, que exige un rendimiento máximo y paga menos de lo que corresponde al trabajador: “En esta empresa los dueños tienen fama de ser unos negreros aprovechados” U.t.c.adj.

Fonte: Autoria própria baseada no modelo Lafuente (2017).

Como tudo se nomeia através da língua, mostramos até o momento palavras diretamente relacionadas ao corpo negro, só que no caso de “*negrero*”, esse corpo é o corpo branco, o corpo que no passado açoitava a população negra, um passado escravocrata que insiste em continuar na língua e na sociedade. No dicionário DEM não foi encontrado o termo, e a partir daqui podemos inferir que praticamente todos os termos ofensivos relacionados ao prefixo “*negr-*” não aparecem nesse dicionário, o que, em um trabalho futuro, poderia investigar se existe alguma ligação com a luta antirracista da atualidade ou simplesmente uma coincidência.

Os dicionários DLE e de Mexicanismos apresentam uma definição parecida, com uma diferença: no dicionário de Mexicanismos é usado o termo “*jefe*”,

“chefe” em português, levando ao contexto laboral mais uma vez; já no DLE, pelas definições, entende-se que pode ser em qualquer contexto racial, desde que seja subordinado. Ambos os dicionários não colocam marca de uso em nenhuma das definições. Podemos notar que no que tange as marcas de uso, esses dicionários precisariam colaborar mais com o combate as colonialidades, pois, não informar ao consulente o teor de palavras racistas que são ofensivas pode contribuir na propagação delas na sociedade. Os dicionários podem ser instrumentos de resistência, apesar de seu teor intrinsecamente prescritivo.

4 Como os dicionários podem ser instrumentos de resistência?

Na análise desenvolvida, percebemos que as marcas de uso que mais aparecem relacionadas aos termos ligados à população negra são as marcas de uso diaevaluativas e diastráticas. Entendemos que utilizar a marca de uso “coloq.” para um termo que é deliberadamente de cunho racista não é eficaz na luta contra o racismo, além de atuar na manutenção das colonialidades, principalmente a da linguagem. A colonialidade da linguagem, de acordo com Veronelli (2015), trabalha com uma agenda desumana das populações negras colonizadas sob várias perspectivas, como o desprezo as suas linguagens e formas de dar sentido ao mundo, no qual a colonialidade da linguagem bloqueia a comunicação dialógica entre os colonizadores e colonizados, negando e usando a língua contra eles mesmos. Os lexicógrafos podem contribuir com as próximas edições levando em conta essa agenda decolonial, que não permite mais que violências epistêmicas sejam perpetuadas.

Sabendo que os dicionários são utilizados pelas pessoas de maneira contínua e que ocupam esse lugar na memória coletiva de um povo, eles servem de ferramentas importantes como instrumentos de resistência na linguagem. Os dicionários podem ser mantenedores das colonialidades, pois, quando se omite ou se coloca alguma marca de uso que não mostra que a palavra tem cunho ofensivo, está colaborando com a perpetuação dessas colonialidades. Pensando no dicionário como uma possibilidade de uso didático dentro do ambiente escolar, se pode perceber essas marcas linguísticas coloniais, e podemos criar ideias potencialmente decoloniais de trabalhos que sejam na área das linguagens.

Entendemos que os dicionários podem perpetuar a colonialidade da linguagem, quando eles não usam todas as ferramentas possíveis, como as marcas

de uso, para conter a manutenção das colonialidades no nível da linguagem, levando em consideração seu status na sociedade e o teor intrínseco dessa ferramenta lexicográfica. As marcas de uso utilizadas nos termos relacionados aos povos negros são as diaevaluativas e diastráticas, como mencionado anteriormente, marcas de uso como “*despec.* e *coloq*”, por exemplo. As marcas de uso poderiam ser mais rigorosas nestes termos nos quais elas não sinalizaram nada ou só utilizaram as marcas diastráticas, se os lexicógrafos envolvidos na produção dos dicionários estivessem envolvidos também na luta antirracista. Nascimento (2019) comenta que “desnudar a branquitude” seja a maior tarefa do movimento negro e das pessoas que se intitulam antirracistas.

Quando digo desnudar, parece que essa palavra nega um pouco o sentido do ponto zero da branquitude, que é a raça humana branca, que, portanto, não se autorracializou, mas apenas racializou os negros. Em suma, penso que nenhum branco gera apenas impacto aos negros quando os racializa. (Nascimento, 2019, p. 35).

Dessa maneira, a luta antirracista é uma luta de todos. Acreditamos no teor antirracista deste trabalho quando questionamos ferramentas tão usadas por nós durante nossa vida – os dicionários. Usados e pouco questionados. Os alunos no ambiente escolar tendo essa visão do sentido do dicionário atrelado à luta antirracista podem desenvolver juntamente com os professores sugestões de novas marcas de uso, assim como outras populações inferiorizadas pelos tentáculos da colonialidade podem ser contempladas nos estudos com os dicionários e suas marcas de uso.

Referências

ANDRADE, J.P.S. **Colonialidade nos dicionários**: quando as marcas de uso não sinalizam as marcas da colonização. 2024. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, 2024. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/20232>. Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

CRUZMERINO, Paul Raoul Mvengou. El barco afromexicano: memoria y resistencia. In: **Dossier Culturas e Identidades Afroamericanas**. Instituto De Investigaciones Antropológicas De Castilla Y León, Salamanca, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

HUMBLÉ, Philippe. **O discurso do dicionário**. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?idpub=53>, acesso em set 2018.

KASAMA, D.Y. **Etnofaulismos e os dicionários monolíngues brasileiros**. 2015. 207 f. (Doutorado

em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/2f31ffa6-907b-4446-981c-e-62cb6b69d3b/content>. Acesso em 11 de dezembro de 2024.

KOCJANČIČ, P. **Acerca de la macroestructura y la microestructura en el diccionario bilingüe**. Verba Hispanica, v. 12, 2004. p. 171-185.

LAGARES, Xoán Carlos. **O espaço político da língua espanhola no mundo**. São Paulo, 2013.

LAFUENTE, GIMENEZ Sabrina. **La interferencia como principal fuente de errores lingüísticos en docentes brasileños de ELE**: caracterización y estudio de los errores léxicos. Tese doutoral, Universitat Jaume I, Castellón de la Plana, 2017. P.339-340.

LARA, L.F. **Dimensiones de la lexicografía**: a propósito del diccionario del español de México. México, DF: El Colegio de México, 1990.

LÓPEZ, Alejandra A. Ramírez; DÍAZ, Belem Quezada. **La migración como expectativa laboral de la juventud afro-mexicana de la Costa Chica Oaxaqueña**. In: Desjidades. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. p. 141-156.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. Diálogos sobre linguagem/língua/cultura entre hooks, Menchú e Fanon. **Travessias Interativas**, v. 10, p. 217-232, 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento Editorial, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/15327>.

RODRIGUES, Roana; LAFUENTE, Sabrina. Estudios lexicográficos y formación docente de español como lengua extranjera: experiencias en la Universidad Federal de Sergipe. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., e2104, p. 37-56, mar./2022.

VELÁZQUEZ, María Elisa; ITURRALDE NIETO, Gabriela. **Afrodescendientes em México**: Uma historia de silencio y discriminación. Ciudad de México. Instituto Nacional de Antropología e Historia. 2. Ed., 2016.

VERONELLI, Gabriela Augustina. Sobre la colonialidad del lenguaje. **Revista Universitas Humanística**. Bogotá, n. 81, p. 33-58, 2015.

VILARINHO, Michelle Machado de Oliveira. Marcas de uso: estudo e proposta. In: **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas, 2017, p.375-396.

WELKER, H. A. Tipologia de Dicionários. In: **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

Sobre o autor e as autoras

João Paulo Santos Andrade - Mestre em Letras. Professor substituto do Departamento de Letras Estrangeiras (DLES) da Universidade Federal de Sergipe (UFS); São Cristóvão E-mail: jpandradde@academico.ufs.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2552605399563505>. OrcID: <http://orcid.org/0009-0002-6261-4238>.

Doris Cristina Vicente da Silva Matos - Doutora em Língua e Cultura. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Departamento de Letras Estrangeiras (DLES) da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Sergipe-SE; E-mail: doris@academico.ufs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1730255667275532>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-0977-222>.

Roana Rodrigues - Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Letras Estrangeiras (DLES) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS); São Cristóvão-SE. E-mail: roana@academico.ufs.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5277363935076195>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7748-8716>.